

campos de concentração nazistas era “o trabalho liberta”), que ela significa de fato manter-se prisioneiro da sociedade produtora de mercadorias. Krisis seria assim para a esquerda brasileira uma espécie de consciência crítica mais radical, necessária para equilibrar nossa excessiva tendência afirmativa. Se, como socialistas, nosso objetivo é “eliminar integralmente o capital” (p. 235), o trabalho abstrato, lutar por uma produção “voltada para valores de uso e não valores de troca” (p. 247), que siga seu próprio ritmo e não o ritmo do capital, derubar os muros que separam trabalho e tempo livre e, ainda por cima, dada a origem etimológica negativa da palavra

trabalho, para não falar da sua instauração compulsória e violenta no mundo moderno, não faria mais sentido lutar pela superação do trabalho, ou pelo “direito à preguiça”, como quer Lafargue? Será que o enorme sucesso do livro de Viviane Forrester, *O horror econômico*, junto aos desempregados europeus não ocorreu por eles terem percebido que podiam reivindicar sem culpa uma vida cheia de sentido independentemente de venderem sua força de trabalho? Enfim, questões suscitadas pelo mais que oportuno livro de Ricardo Antunes, uma contribuição notável a um projeto alternativo socialista, tão necessário à esquerda desorientada.

Maria Orlanda Pinassi

Três devotos, uma fé, nenhum milagre. São Paulo, Ed. Unesp, 1998.
Marcelo Ridenti (professor de Sociologia da Unicamp).

Maria Orlanda Pinassi levanta uma tese sugestiva em seu livro sobre a revista *Niterói*, publicada em Paris, em 1836. Saíram apenas dois números, com pouca circulação, sob responsabilidade de Gonçalves de Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto Alegre, mas a revista é considerada pelos críticos como um dos marcos do início do romantismo no Brasil, o que Pinassi questiona. Para ela, inspirada teoricamente em abordagens sobre o romantismo de autores marxistas, especialmente Lukács e Löwy, se a revista “lançou mão das formas românticas, o fez de maneira a torná-las instrumentos de oposição a uma realidade adversa ao capitalismo. Sem a essência

anticapitalista, na verdade, da revista *Niterói* não emana uma visão de mundo propriamente romântica” (p. 163-164).

Noutras palavras, se o romantismo tem em sua essência estar na contramão da modernidade capitalista, como “uma visão de mundo elaborada para resistir às ameaças contra a destruição humana pela lógica do capital” (p. 24) – eis a premissa assumida, que está longe do consenso entre as diversas correntes de estudiosos do romantismo –, então a *Niterói* não podia ser romântica, na medida em que a modernidade capitalista não se constituía na sociedade brasileira da época, latifundiária e escravocrata. Também seus autores revelavam qualquer

pendor anticapitalista – ao contrário, sugeriam “os benefícios da economia burguesa para o Brasil” e suas artes, condenavam a escravidão, faziam “a apologia da divisão do trabalho livre” e da racionalidade capitalista para criticar os valores do passado colonial. Pinassi ressalta que os criadores da revista *Niterói* não se declaravam românticos e eram cultores do progresso e da ilustração.

Mesmo aceitando a concepção de romantismo adotada pela autora, pode-se argumentar que a sociedade brasileira do século XIX estava inserida em relações internacionais, compondo uma totalidade mais abrangente, que já era capitalista em sentido pleno; por isso era possível desenvolver o romantismo artístico no Brasil, como de fato fizeram vários autores, estudados por exemplo na obra clássica de Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*. Mas isso não esvazia totalmente o argumento de Pinassi, pois a realidade interna imediata com que os primeiros artistas considerados românticos defrontavam-se dificultava colocar-se na contramão de uma modernidade que não existia no plano nacional.

Para Pinassi, não havia condições materiais para embasar a forma literária romântica em 1836, pois estava por ser posta a modernidade capitalista na sociedade brasileira. O sentido aqui talvez se aproxime por outro argumento de um autor não citado, Antonio Gramsci, em *Literatura e vida nacional*, quando diz que “o romantismo não existiu na Itália e, no melhor dos casos, suas manifestações foram mínimas, escassíssimas e,

de qualquer modo, tiveram um aspecto puramente literário”. Isso porque Gramsci não destacava em sua acepção de romantismo “o aspecto ‘literário’ do problema”.¹ Ele valorizava nos movimentos românticos a “particular relação ou ligação entre os intelectuais e o povo, a nação”, ligação que seria praticamente ausente da história italiana. A necessidade em seu tempo da aproximação entre os intelectuais e o povo – que não podia mais ser propriamente romântica, mas já socialista – era apontada por Gramsci em sua defesa do nacional-popular num país europeu de capitalismo tardio, a Itália.

Nem aproximação dos intelectuais com o povo, como formularia Gramsci, nem crítica ao capitalismo com conotações regressivas, como proporia Lukács: os *três devotos* fundadores da *Niterói* não seriam românticos, partilhariam da *fé* iluminista, mas não produziriam nenhum *milagre* progressista, dada sua dependência do mecenato, a ligação íntima com a Coroa e as elites, que os levariam a adotar posições ecléticas, moderadas e conciliadoras para os problemas nacionais, nesse sentido contribuindo para formar uma tradição político-intelectual brasileira, de que a autora é francamente crítica.

Assim, só após a leitura chega-se a compreender o enigma do criativo título do livro: *Três devotos, uma fé, nenhum milagre*. Um livro escrito com clareza e competência, que dá sua contribuição ao estudo do pensamento brasileiro da primeira metade do século XIX.

Termino com uma provocação: ao tratar dos intelectuais da revista *Niterói*, Maria Orlanda Pinassi às vezes

¹ Gramsci, Antonio. *Literatura e vida nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 67-8.

fala em idéias equivocadas (p. 18), projeto “confuso, medíocre e vulgar” (p. 207). Essas afirmativas adjetivadas não correriam o risco de deslocar para o centro da pesquisa – à revelia das intenções – o juízo do investigador, onisciente e portador de um dever ser, em vez de destacar o próprio objeto, seus alcances e limites dados? Lukács é citado pela autora em outro contexto, ao criticar pensamentos “que se orientam menos em

face do ser que o dever” (p. 169). O texto cai um pouco quando se arvora em julgar os autores de *Niterói*, mas esses momentos são menores no conjunto da obra, que contribui para desnudar objetivamente o ser da *Niterói* e sua ideologia conciliadora, cujo suposto romantismo é contestado. Pode-se dizer sobre a polêmica tese do livro, como o célebre adágio italiano: *se non è vero, è bene trovato*.

Tânia Pellegrini

A imagem e a letra, Mercado de Letras/Fapesp, 1999.

Maria Orlanda Pinassi (professora de Sociologia, campus de Marília, Unesp)

Percorrendo as páginas do livro *A imagem e a letra – aspectos da ficção brasileira contemporânea*, de Tânia Pellegrini, confirma-se a aridez do universo enfrentado pelo crítico da recente produção literária no Brasil. Parece óbvio, porém, que a desolação do cenário é pouco ou nada percebida pelo crítico vulgar, daqueles que infestam jornais e revistas especializadas à cata de notoriedade para si e seu objeto, seja ele bom ou mau. Ao contrário, a desolação é motivo de júbilo.

Falemos, portanto, da condição de uma crítica literária, cada vez mais rara, daquela que se inscreve na fértil linhagem de investigação da particularidade histórica brasileira, que se preocupa em estabelecer ligação entre a base sócio-histórica nacional e as esferas de suas representações. Nadando contra a corrente, esse é o caso de Tânia Pellegrini que, em vez de patinar na ditadura das regras mercadológicas, parte delas, tomando-as

como premissa crítica e necessária para analisar a seara literária contemporânea que o Brasil produz com toda a diversidade que lhe compete.

Assim é que, “partindo, pois, do pressuposto básico de que a produção cultural contemporânea, incluindo a literatura, organiza-se segundo a lógica do mercado (...), o principal elemento para a composição do *corpus* deste trabalho foi esse mesmo mercado. Melhor dizendo, considerou-se fundamental usar o mercado para inquirir o próprio mercado e sua relação com a literatura. Nesse sentido, os sucessos de vendas, expressos basicamente nas listas dos mais vendidos das revistas semanais como *Veja* e *IstoÉ*, associadas a resenhas críticas, nos moldes usuais desses veículos, foram dados indicativos essenciais para a aferição das ‘tendências’, ‘gostos’, e ‘preferências’ de hipotéticos leitores” (p. 16). Longe, portanto, de negar ou de perder-se nas mazelas tendenciosas das resenhas

RIDENTI, Marcelo. Resenha de: PINASSI, Maria Orlanda. Três devotos, uma fé, nenhum milagre. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n.10, 2000, p. 183-185.

Palavras-chave: Romantismo; Revista Niterói; Pensamento brasileiro; Século XIX.